

## **Matizes da fé nos folhetos populares do nordeste**

### **Shades of faith in popular pamphlet of brazilian northeast**

Geice Peres Nunes<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente ensaio debruça-se sobre os matizes de religiosidade passíveis de serem apreendidos nos discursos dos folhetos populares do Nordeste. Para tanto, empreende um estudo com base no folheto *A machina que fez o mundo rodar*, de Antonio Ferreira da Cruz, publicado em 1921. O referido folheto apresenta as aventuras de Manoel Galope, sujeito que se vale da fé como um artifício para a concretização do sonho de voar.

Palavras-chave: matiz, fé, folhetos populares.

**ABSTRACT:** This essay points out the shades of religiosity that may be inferred from the discourses of Brazilian Northeast pamphlets. On this purpose, it is made a study based on the work *A machina que fez o mundo rodar* by Antonio Ferreira da Cruz, first published on 1921. This pamphlet presents Manoel Galope's adventures, a person who avails of the faith as an artifice to the concretization of his dream of flying.

Keywords: shade, faith, Brazilian Northeast pamphlets.

Produzida em versos e vendida em forma de folhetos de papel barato, a literatura de cordel percorreu as feiras nordestinas e habitou o imaginário do povo no período áureo de sua difusão no Nordeste brasileiro, o final do século XIX e a primeira metade

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras – Estudos Literários no PPGL/Universidade Federal de Santa Maria; bolsista CAPES no Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior, processo nº 9152-12-1, realizado na Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.

do século XX. Em tais livrinhos, o leitor e seus ouvintes<sup>2</sup> tinham contato com as vivências de uma camada rural e também com a percepção do poeta a respeito de acontecimentos locais ou distantes geograficamente.

Na qualidade de jornal do povo, os folhetos revelavam costumes e atitudes, tanto quanto expunham preferências e emitiam julgamentos, evidenciando a consciência social da camada que o produzia. É por tal razão que, no prefácio da antologia *O Cordel e os desmantelos do mundo*, Orígenes Lessa defendeu que essa modalidade poética realmente participava do mundo ao qual se dirigia. Para o estudioso, os folhetos não se constituíam apenas como versos alienados ou simples e sim como um veículo no qual a voz, a linguagem popular, manifestava-se, expressava e defendia os seus interesses, seus problemas, seus temores e seus motivos de protesto. Talvez por essa razão, justificou-se a “sua espantosa sobrevivência numa luta desigual contra poderosos e sofisticados veículos de massa que disputam seu humilde mercado” (1983, p. 1).

Na visão de Lessa (1983, p. 3), o poeta projetava-se na cantoria de forma ambígua, pois não era propriamente um “reacionário”, mas “antes de tudo um conservador”. Essa colocação nos faz refletir a respeito do conteúdo dos folhetos e, assim, inferimos que mais do que conservadoras, as ideias neles defendidas pareciam representar a submissão às práticas sociais vigentes. Na esteira desse pensamento, os folhetos davam indícios de uma religiosidade fortemente vinculada aos valores de um contexto sociocultural específico, que defendia a conduta orientada pelos valores cristãos, a necessidade de agir de acordo com a moral social para conquistar uma eternidade esboçada como o paraíso.

A fé parecia conduzir o sujeito no caminho de um servilismo passivo e voluntário diante dos valores cristãos, frequentemente expressos na literatura popular. Talvez essa percepção tenha levado Campos a afirmar que “a maior parte [dos folhetos] contém sempre uma exortação ao bem, revelando, quase sempre, temor a Deus e respeito à Igreja” (1977, p. 33). Diante dessa observação, justificava-se o traço comum de “o poeta iniciá-lo com uma louvação ou invocação a Deus, Jesus ou à Virgem Maria”

---

<sup>2</sup> Quando enfatizamos a questão do ouvinte, ressaltamos a existência de uma sociedade demasiado oral, com altos índices de analfabetismo, assim como destacou Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* (1985).

(1977, p.33). A invocação concretizava-se na forma de um pedido de inspiração ou como uma súplica por capacidade poética para expressar temas de importância:

O Pai dos pais, Rei dos reis  
Primeiro sem ter segundo  
Vós que tendes toda força  
Mandai-me um poder profundo  
Para versar os castigos  
Ou a corrupção<sup>3</sup> do mundo (Luiz Ventura Ferreira - *Os castigos divinais ou a corrupção do mundo*)<sup>4</sup>.

Deus me deu o dom profético  
e eu tenho o cultivado,  
no campo da poesia  
estou tão abilitado;  
que já não encontro nada  
difícil de ser rimado (Manoel Camilo dos Santos - *Um exemplo que se deu no carnaval desse ano*)<sup>5</sup>

Oh Deus Pai de todo mundo  
Mandae a luz divinal  
Do vosso Sagrado Reino  
Clareae meu ideal  
e limpae meu estro novo  
para eu versar para o povo  
A CORRUPÇÃO MUNDIAL (Francisco de Souza Campos - *A corrupção mundial*)<sup>6</sup>

Nas sextilhas aqui expostas, vislumbramos uma figura divina inspiradora. O Deus cristão ocupa o lugar outrora reservado às musas como fonte do entusiasmo criador. Porém, isso não se dá despropositadamente, visto que a sua função é contribuir na criação - ou no suposto improvisado - de versos com um tom denunciatório: acerca da “corrupção”; a respeito dos castigos que tais “corrupções” impõem, não como penas individuais, mas coletivas; e sobre a invocação ao dom concedido por Deus.

Na nossa leitura (ancorada na contemporaneidade e, portanto, alicerçada nos abundantes estudos sobre o cordel), ressaltamos que há nos folhetos produzidos entre o final do século XIX e décadas iniciais do XX, uma submissão que os aproxima da

---

<sup>3</sup> As transcrições dos folhetos mantêm a grafia original.

<sup>4</sup> In: *O cordel e os dismantelos do mundo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983, p. 107.

<sup>5</sup> In: *O cordel e os dismantelos do mundo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983, p. 149.

<sup>6</sup> In: *O cordel e os dismantelos do mundo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983, p. 189.

postura medieval e barroca de temor a um Deus punidor e tirano, que se reforça na constante exortação à prática do bem. Esse sentimento é traduzido na permanência do tema da “luta do bem e do mal”. Consciente dessa postura, Campos (1977, p. 33) detecta o mal no cordel personificado na figura do demônio ou alegorizado em forma “de desonestidade, de avareza, de luxúria, de perversidade”. O estudioso ressalta que esse mal “é sempre derrotado, fazendo exceção alguns folhetos que retratam heróis ladinos totalmente amorais” (1977, p. 33).

O pesquisador Mark Curran delinea o caráter religioso do poeta popular e destaca um aspecto passível de ser encontrado nos versos da literatura dos folhetos: o pensamento orientado pela dicotomia bem *versus* mal. Esse par antagônico passa a funcionar como um divisor daquilo que há de positivo do seu oposto, sendo estendido para outras instâncias que movem a engrenagem social, ou seja, a conduta moral, a economia, bem como a questão de classe:

De raíces rurales nordestales (una de las características del cordel tradicional es el sabor de la tierra con las costumbres de la misma visto en los asuntos, temas y aún el léxico que utilizaba el poeta), católicas y conservadoras, el poeta probablemente, veía el mundo desde un punto de vista “folclórico”, lo que quiere decir, desde la cosmovisión del Bien y del Mal [...]. No estaba, todavía, “concienciado” o “politizado” en el sentido actual de la palabra. De clase humilde, rural, de escasos recursos monetarios y pocas posibilidades, era en la terminología actual, de la clase dominada, pero veía el mundo desde una perspectiva concienciada. Sufrimiento, sí, pobreza y tal vez miseria, sí, los conocía. Podía culpar a los ricos (lo que los poetas folclóricos siempre han hecho en el folklore mundial), pero todavía no se expresaba en términos de una lucha concreta de clase (CURRAN, 1991, p. 20).

Afastando-nos da poesia popular, podemos encontrar em obras da literatura brasileira, sobretudo do Romance de 30 ou Regionalismo, o retrato da sociedade na qual o cordel ganhou concretude. José Lins do Rego configura-se como um autor que reconstruiu exemplarmente o aspecto social que aqui salientamos, pois representou ficcionalmente o homem e o espaço nordestino. Em *Pedra Bonita* (1938) e em *Cangaceiros* (1953), o autor mostra duas facetas do estereótipo de homem nordestino do final do século XIX e início do século XX: o caráter ambíguo, concomitantemente violento e justiceiro, expresso pela figura do cangaceiro e de seu bando; e o homem voltado para a religião e o misticismo, figurado nos líderes messiânicos e seus

seguidores. Nos romances, o narrador defende a tese de que a exploração, a espoliação e o escasso desenvolvimento intelectual do homem sertanejo são os fatores que petrificam o atraso nordestino - mantendo viva a credence do povo, a crença em utopias, assim como a instintividade do caráter - em relação às sociedades “modernas” que se erguem no Brasil.

Há nos folhetos um traço facilmente detectado: o sincretismo, uma religiosidade mesclada a credices e a superstições. Assim, embora a religião cristã seja dominante, como atesta Tavares Júnior apud Souza (1984, p. 12), “o catolicismo não é vivido em sua pureza ortodoxa”, pois se deixa invadir por tais credices, ao mesmo tempo em que prega a doutrina e a moral católicas.

Quando atentamos para o aspecto do catolicismo, ainda que matizado pelas crenças de cunho supersticioso, e buscamos uma explicação para esse fenômeno, vemos que não se trata de um fato novo. Desde a Idade Média, o imbricamento de um ideal religioso com um misticismo alheio à ortodoxia cristã é praticado. Esse comportamento foi pesquisado e esmiuçado por Carlo Ginzburg em *O queijo e os vermes* (2006) e em *Andarilhos do Bem* (2010), contextualizados entre os séculos XVI e XVII, observando, sobretudo, as investigações empreendidas pelo Santo Ofício. Em *Andarilhos*, Ginzburg descreve a atividade dos *benandanti*<sup>7</sup> e ilustra como os inquisidores viam as crenças e cultos populares como indícios de pecados que exigiam punição:

o contraste entre combater "por amor das colheitas" e combater "pela fé cristã" é gritante. Nessa religiosidade popular tão compósita, formada por contribuições variadíssimas, tal sincretismo certamente não chega a provocar espanto. Mas somos levados a indagar o porquê dessa cristianização dos ritos agrários praticados pelos *benandanti* - sem dúvida "espontânea" nesse período. [...] Talvez, num tempo remoto, essa cristianização tenha sido assumida como uma máscara, para ocultar da Igreja um rito pouco ortodoxo [...]; ou então um antigo rito agrário foi pouco a pouco revestido de uma motivação cristã pelos que ingenuamente uniam a boa causa da fertilidade dos campos com a santa causa da fé em Cristo (GINZBURG, 2010, p. 48-49).

---

<sup>7</sup> Os *benandanti* ou andarilhos do bem afirmam opor-se a bruxas e feiticeiros, criar obstáculos aos seus desígnios maléficis e curar as vítimas de seus encantamentos; por outro, não diversamente dos seus supostos adversários, afirmam participar de misteriosos encontros noturnos (dos quais não podem falar sob pena de sofrerem bordoadas), cavalgando lebres, gatos, e outros animais (GINZBURG, 2010, p. 22).

É evidente que não atribuímos essa realidade ao contexto nordestino, porém nos valemos dela como uma ilustração do modo como as camadas populares se valem de crenças heterogêneas em busca de soluções de problemas por meio da fé, associando a fé católica a elementos triviais, a fim de obter a fertilidade dos campos, a cura de uma doença, a vinda de uma chuva escassa, dentre tantos outros desejos. Assim, a postura dos *benandanti* aproxima-se dos recursos do homem “moderno” inserido no espaço “arcaico”.

No homem do povo e no cantador ou compositor de folhetos encontra-se alicerçada outra face da fé: o temor ao castigo divino, cuja tônica é o medo presentificado nos versos. Por temer a fome, a doença, a seca, a corrupção e a miséria, interpretadas como punições aos pecados dos homens<sup>8</sup>, o poeta popular louva a prudência e a bondade como estratégias para obter a glória. Estratégias ambíguas, que, ademais da suposta crença, por vezes, podem ocultar um artifício para ganhar o público e vender os folhetos ao povo que compartilha tais crenças, questão que aqui ressaltamos, mas não discutimos com profundidade.

A narrativa poética em análise, *A História da machina que fez o mundo rodar*<sup>9</sup>, de Antonio Ferreira da Cruz, é um folheto datado de 1921, que parece ter caído no esquecimento, visto que seu estudo é praticamente inexistente. Ela apresenta como assunto a sátira e o humorismo, conforme a classificação realizada pela Fundação Casa de Rui Barbosa, porém expõe uma visão de mundo tipicamente cristã. Refletindo acerca disso, notamos que embora a religiosidade seja classificada com um ciclo autônomo, no qual a vida de Jesus, de Nossa Senhora e dos santos; as romarias; bem como a narração de fragmentos bíblicos são versejados (DIÉGUES JÚNIOR, 1973, p. 61), a inserção desse folheto em um ciclo específico mostra quão problemática e redutoras as categorizações podem ser.

---

<sup>8</sup> SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Memória das Vozes: cantoria, romanceiro & cordel*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

<sup>9</sup> In: *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Acessado em: jan 2011. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CordelFCRB&pasta=Ant%F4nio%20Ferreira%20da%20Cruz&pesq=>.

A inter-relação de temas nos folhetos populares é tratada por Mark Curran que, acerca do ciclo religioso, afirma que ele concentra alguns dos melhores folhetos satíricos (1973, p. 301). Quando estendemos essa colocação para a obra em estudo, inferimos que nela se dá uma classificação inversa, pois apesar de ser classificada como satírica, tem como pano de fundo uma visão cristã. Assim, a figura de Manoel Galope, personagem que se aproxima dos pícaros no que se refere à procedência humilde, à astúcia e à capacidade de superar situações adversas com facilidade, ao concentrar tais predicados, parece gozar da simpatia divina, visto que, mesmo empreendendo algumas trapanças, consegue atingir o seu objetivo, ainda que esse desfecho carregue certo mistério.

Na sextilha introdutória, o leitor encontra informações relacionadas ao espaço e à personagem do folheto: “Morava na Parahyba/ Lá nos confins do agreste/ Um homem de pouca idade/ Que tinha saber por peste/ A ponto de lá querer/ Vencer o plano celeste” (CRUZ, 1921, p. 1). As estrofes iniciais, ou versos de acordo com a terminologia do cordel, apresenta uma síntese do que será narrado: “Descrevo d’elle um tratado/ De um mysterio profundo/ Que se for apparecido/ Tem de ficar sem segundo/ E’ a tal machina inventada/ P’ra fazer rodar o mundo.” (CRUZ, 1921, p. 1).

A voz poética apresenta como protagonista um indivíduo artiloso, que faz recordar João Grilo e Pedro Malasarte. O nome da personagem sugere a agilidade, que se concretiza na forma de inteligência, de um pensamento rápido, mas também na forma de uma ligeireza física: “Chamava-se Manoel Galope/ nome que adquierio/ devido uma vantagem/ que o povo lhe atribuiu/ e por ser muito andador,/ - pois ao vento competio” (CRUZ, 1921, p. 2). Galope, como a personagem que dá concretude à ação, traz à tona uma espécie de “desmedida” à moda picaresca e, devido a sua esperteza ímpar, destaca-se pela capacidade criativa: “Este homem inventou/ certa machina preparar/ por meio de electricidade/ fazer o mundo rodar” (CRUZ, 1921, p. 1).

O delineamento da máquina idealizada por Manoel Galope não recebe contornos muito precisos, assim, funda-se uma ambiguidade, já que pode se tratar de uma aeronave ou mesmo de um mecanismo movido a eletricidade, energia frequentemente citada nos versos. No folheto, ambas ideias são apresentadas, porém é preciso

considerar que a eletricidade e seus “poderes”, podem figurar apenas no imaginário popular, pois, no contexto de produção de tais versos, a energia ainda não havia chegado ao sertão. De tal maneira, ela adquire uma aura misteriosa e prodigiosa.

Nosso foco se direciona na referência ao sagrado. A utilização de temas ou de personagens bíblicas estabelece-se em dois planos: como tema da narrativa, ela fornece exemplos que se firmam como argumentos de autoridade, em que a Bíblia constitui a fonte da sabedoria daquilo que é “verdadeiro”; no plano externo, relacionado ao produtor de tais versos, esse conhecimento é utilizado com o fim de demonstrar a sua erudição. Assim, esses elementos são entretecidos aos versos a fim de construir uma argumentação “incontestável” acerca do narrado:

Diz um, assim como o rei  
Salomão pensou nascer  
outra vez quando era vivo  
elle a machina há de fazer,  
só se saberá no fim,  
o que for vivo hade ver...” (1983, p.5).

Outro diz: eu tenho fé  
de ver a machina rodar  
como Enock e a Elias  
Nós esperamos voltar,  
assim também nós veremos  
ela no espaço dançar (1983, p. 5).

Vale ressaltar, no tocante às figuras bíblicas de rei Salomão, de Enock e de Elias, que elas operam como elementos comparativos, contribuindo no estabelecimento da certeza de que o intento de Manoel Galope é passível de se concretizar. A referência a tais figuras atesta a “erudição” do poeta acerca da matéria religiosa, sobretudo no que se refere a Elias e Enock (personagem dos evangelhos apócrifos), cujas trajetórias narradas no Antigo Testamento os divulgam como homens que foram ao céu. O historiador Jean Delumeau assinala que a imagem mística da ascensão exerceu grande influência no pensamento cristão, postura que ficou registrada no *Primeiro Livro de Enoque*, onde o profeta enuncia: “Naquele tempo, um turbilhão arrebatou-me da face da terra e me depositou na franja dos céus” (2003, p. 64). Essa representação do movimento de subida



ao céu, para o homem assentado na superfície terrestre, representa um vôo, semelhante àquele que a “machina” projetada por Galope pretende alçar.

O veículo utilizado na concretização desse ideal é o sonho. Nesse sentido, é interessante observar a sua importância tanto na forma de quimera ou utopia, quanto na forma de imagens que se apresentam ao espírito durante o sono. Em Manoel Galope, desde a infância, é patente a vontade voar, mas tal vontade só é concretizada no sonho ou por intermédio dele: “Dizem que ainda menino,/ Por duas vezes tentou/ Pelo espaço sair voando/ Ainda experimentou,/ Por meio de asas supostas;/ Porém não continuou...” (1921, p. 2).

O sonho de Galope parece agregar esferas antagônicas como a ciência e a religião, representadas pela ideia de construção da máquina e, ao mesmo tempo, pelo desejo de subir ao céu, capacidade concedida aos seres elevados como Deus, Jesus Cristo ou os anjos. Na forma de sonho, boas novas são dadas, o homem se liberta da “prisão corporal” e entra em contato com aquilo que é divino. Galope concretiza parte de seu desejo tendo esse estado como meio: “Aos 20 anos de idade/ Teve um sonho demaziado,/ Para perseguir ladrões,/ Por um caminho desusado,/ Conseguiu a tal viagem/ E nisto ficou firmado. (1921, p. 2).

A maneira como o sonho é narrado faz lembrar as colocações de Jean Delumeau, quando este reproduz um relato do sonho de Ciprião, passagem que vai ao encontro do desenrolar dos versos do folheto que analisamos:

O sonho parecia-lhe uma combinação de sono e vigília, a faculdade de sonhar, uma espécie de dom de profecia, e o sonho inspirado, uma espécie de conhecimento. Quando a alma é libertada do corpo pelo sono, ela se subtrai ao tempo, viaja sem esforço do passado para o futuro e entra, provisoriamente na eternidade (DELUMEAU, 2003, p. 69).

Tal qual Ciprião, na viagem onírica que empreende, Galope tem uma espécie de “visão” que o inspira na tentativa de realização do seu desejo no mundo terreno. Há uma oscilação entre sonho e vigília: “No sonho entrou pelo mato/ e uma serra encontrou/ Ali vio a grande furna/ por onde o ladrão entrou/ seguiu pelo rastro d’elle/ 25 anos andou”(1921, p. 3). Assim, quando visualiza a engrenagem que faz o mundo rodar, a

consciência ativa-se na observação de seus detalhes, que, após acordado, ele colocará em prática na construção de tal mecanismo: “Aí, desperto do sonho/ Começou a vacillar,/ Sobre as idéas da machina/ Como devia formar,/ Diregiu-se à população/ Foi o dinheiro arranjar” (1921, p. 4).

Na empreitada para construir “a máquina que fará o mundo rodar”, a voz poética parece unir duas instâncias antagônicas: a ciência e a religião. Nos argumentos favoráveis ou contrários à tarefa de Galope, aparecem justificativas ligadas aos argumentos de fé. Há uma sequência de versos em que um paralelismo sincrético iguala entidades religiosas de origem cristã e muçulmana e reúne a elas a figura emblemática de D. Sebastião, além do líder messiânico Antonio Conselheiro. Tais seres são colocados no mesmo patamar do inventor Augusto Severo, conhecido pelos projetos aeronáuticos que idealizou, ainda que este não se constitua em um exemplo ditoso:

Como Mahomé dos turcos  
E El-Rei D. Sebastião  
Que encantados no espaço  
Subiram para a amplidão  
também se verá a machina  
mover toda rotação (1921, p. 6).

[...]

Diz outro: Augusto Severo  
também pensou em subir  
num balão até o céu  
Para com Deus competir  
Antes de chegar nas nuvens  
viu-se ele foi cair. (1921, p. 7).

[...]

Diz outro, Antonio Conselheiro  
determinou-se a brigar  
promettendo ao seu povo  
que havia de ressussitar;  
assim como elle fez isto  
a machina tem de rodar (1921, p. 8).

A crença na construção da máquina transforma-se numa utopia que se movimenta no mesmo sentido dos vaticínios de Conselheiro e de D. Sebastião. Ela orienta posturas inspiradas no mito da Cocanha, tema que, décadas depois, viria a ser desenvolvido no folheto *Viagem a São Saruê*, de Manoel Camilo dos Santos. Na ótica de Antonio Ferreira da Cruz, a esperança daqueles que acreditam na construção da máquina assenta-se na mesma fé de que: “Afimil no velho mundo/ breve há de aparecer/ velho virando menino,/ Morto tornando a viver,/ a terra criar lavoura/ sem ser preciso chover!...” (1921, p. 8).

Os argumentos lançados pela voz poética dão ênfase à ideia de que dotar um ser com a capacidade de voar cabe a Deus, o “autor da natureza”:

Desta machina aparecer  
não há quem tenha certeza,  
não só devido o preparo,  
como devido é grandeza,  
salvo se for um prodígio  
do autor da natureza. (1921, p. 8).

[...]

Mas, é Deus que não consente  
a um mancebo vagabundo  
conhecer o eixo da terra  
que faz rodar todo mundo,  
ainda sendo um seu servo  
não tem o saber profundo. (1921, p. 9).

À medida que a narrativa se aproxima do desfecho, a voz poética carrega no tom moralizante e condena a “desmedida” de Galope. O ato de transgredir a natureza e construir a máquina, marca a confiança excessiva do protagonista e firma-se como uma postura a ser combatida. Na tentativa de inibir caráteres com tal inclinação, a voz poética critica as atitudes de Galope e aproxima a sua argúcia, anteriormente vista com simpatia, a uma tendência diabólica: “No fim do mundo há de vir/ o capa-verde pregando” (1921, p. 8). Talvez por isso, apesar do carisma de Manoel Galope, o poeta lhe reserve um desfecho obscuro: “Quando ele findou a machina/ achou o trabalho bonito;/ Disse: enrico desta vez/ No logar em que habito.../ Na primeira esperiência/ Subiu para o infinito...” (1921, p. 10).

Diante da circunstância apresentada, o poeta parece cultivar (se não realística, ao menos ficcionalmente) uma posição conservadora e marcadamente cristã: “Isto são segredos úteis/ que se vêm na escriptura/ e muitos não acreditam/ porque têm a vista escura,/ quanto mais nessa tal machina/ que não dá certesa segura” (1921, p. 9). Nesse sentido, prega a virtude da caridade: “Quem tiver o seu dinheiro/ vendo que já lhe fez mal,/ dê esmola aos penitentes/ da feira e do hospital/ que lhe servirá de glória/ na vida espiritual” (1921, p. 11).

A partir das ideias desenvolvidas na obra, e aqui destacadas, percebemos que a constatação de Peter Burke acerca das canções e narrativas impressas em forma de folhetos na Idade Moderna, podem, por analogia, ser transpostas para o cenário nordestino, sobretudo pelo fato de terem expressado os “valores de artesãos e camponeses” (2010, p. 108). Da mesma forma, o folheto também parece preservar os valores de uma sociedade à margem. No contato com essa poética, o público compreende e ri de seu medo, vivencia a “transfiguração do real dramático em uma realidade explicativa, justificativa, que não tenta apagar o real, mas incluí-lo em outra representação da realidade” (SANTOS, 2006, p. 75).

Na leitura do folheto de Antonio Ferreira da Cruz, ainda que não haja um delineamento claro do desfecho de Manoel Galope, inferimos que a almejada máquina, mais do que um objeto concreto que proporcione o sonhado voo, pode representar uma alegoria das engrenagens que movem o mundo: o dinheiro e o desejo de obtê-lo. A preocupação da voz poética, ao final do seu narrar, sugere a demarcação de sua posição: o repúdio ao sujeito que engana o seu semelhante e tira vantagem dessa relação. De acordo com a lógica do folheto, obtém a glória aquele que vive com o necessário, o que se concretiza como um matiz da religiosidade que vigora (ainda hoje) no sertão.

## **Referências**

BURKE, Peter. *A cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CAMPOS, Renato Carneiro. *Ideologia dos poetas populares*. Recife: MEC/ Instituto Joaquim Nabuco e Pesquisas Sociais/ Campanha de defesa do folclore brasileiro/ Funarte, 1977.

CAMPOS, Francisco de Souza. A corrupção mundial. In: *O cordel e os desmantelos do mundo*. Antologia. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983, p.187-196.

CRUZ, Antonio Ferreira. *A machina que faz o mundo rodar*. In: In: Fundação Casa de Rui Barbosa. Acessado em: jan 2011. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CordelFCRB&pasta=Ant%F4nio%20Ferreira%20da%20Cruz&pesq=>.

CURRAN, Mark. A sátira e a crítica social na literatura de cordel. In: *Literatura Popular em Verso*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, p. 271-310.

\_\_\_\_\_. *Literatura de cordel brasileira: antología bilingüe*. Madrid: La Lira de Licáριο, 1991.

DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do Paraíso?* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Ciclos temáticos na literatura de cordel. In: *Literatura Popular em Verso*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.

FERREIRA, Luis Ventura. Os castigos divinais ou a corrupção do mundo. In: *O cordel e os desmantelos do mundo*. Antologia. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983, p. 105-114.

GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LESSA, Orígenes. Nota introdutória. In: *O cordel e os desmantelos do mundo*. Antologia. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983, p. 1-14.

SANTOS, Manoel Camilo dos. Um exemplo que se deu no carnaval desse ano. In: *O cordel e os desmantelos do mundo*. Antologia. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983, p. 147-156.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Memória das Vozes: cantoria, romanceiro & cordel*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SOUZA, Manoel Matusalém de. *A igreja e o povo na literatura de cordel*. São Paulo: Paulinas, 1984.